



O triunfo impressionante de uma jovem decidida a proteger uma vida que lhe era mais preciosa do que a sua própria

Coragem de Mãe

JOHN G. HUBBELL

Retalho do Drama Cotidiano

TUDO ERA silêncio naqueles últimos e terríveis momentos no céu. Com o motor parado, a força esgotada, o pequeno avião perdeu o contrôle no ar turbulento e começou a resvalar através do opaco colchão de nuvens abaixo. Lá embaixo, jazia um terreno selvagem e montanhoso. Nos comandos, o pi-

lôto perscrutava em vão uma abertura na espessa e cinzenta obscuridade. No assento traseiro, Karla Little chorava em silêncio e estreitava fortemente sua filhinha de colo. A pequenina Laurie, de olhos brilhantes, cabelos claros e tão promissora, estava no mundo havia apenas 10 semanas—por que tudo te-

ria de terminar tão cedo para ela?

Estavam em terra! O avião bateu rēpetidas vēzes em uma vastidão de neve, arfando e corcoveando com estrondo. Karla sentiu que fōrças brutais tentavam arrancá-la do cinto de segurança. A aeronave diminuiu a marcha e, por um brevíssimo momento, ficou pendurada na beira de uma ravina íngreme. Depois mergulhou numa sibilante avalanche de neve em direção à violência final.

Atrasado. Tudo começara tão alegremente: uma comemoração das bodas de ouro de Mable e Ray Erickson, de Norwalk, na Califórnia. Viriam, de todo o país, cinco filhos, 15 netos e a primeira bisneta, Laurie. Que festa iria ser!

O filho mais velho, Grant Erickson, de 49 anos, diretor de uma companhia de peças de rádio em Sioux Falls, Dakota do Sul, tomou emprestado para a viagem um avião monomotor, de quatro lugares. Com sua mulher, Dolly, voou para Seattle, Estado de Washington, para apagar a filha, Karla, de 25 anos, Loren, marido dela, e Laurie.

Mas, à última hora, Loren Little não pôde ir. Pistonista exímio, tinham-lhe oferecido um emprêgo de verão numa boate de Seattle. Êle precisava do dinheiro para sustentar a família e pagar a matrícula do seu último ano na Escola de Medicina da Universidade de Washington. Assim, pouco depois do meio-dia, naquele 23 de junho de 1966, êle ficou acenando enquanto o avião alaranjado e branco, que levava sua mu-

lher e sua filhinha, levantava vôo do Campo Boeing e rumava para o sul.

Às 4h 10m da tarde, o Campo Boeing recebeu a notícia de que Grant Erickson, que registrara um plano de vôo para aterrar em Troutdale, Oregon—um subúrbio de Portland—não tinha chegado. Estava com duas horas de atraso. Verificou-se que êle levava combustível para quatro horas e meia de vôo. De acôrdo com o plano de vôo, êle tencionava manter uma altitude de 1 700 metros. Era um pilôto experiente, mas não estava qualificado para vôo por instrumento; e, às 14h 18m, um boletim meteorológico especial de Portland indicara uma mudança de tempo, piorando rapidamente, com formação de tempestades, ventanias, congelamento a 1 800 metros e céu completamente encoberto a 750 metros.

Por duas vēzes, Erickson estivera em contato pelo rádio com Troutdale. Primeiro, informou que estava 48 quilômetros a leste do campo. Minutos depois, informou que estava 30 quilômetros a noroeste de Portland, a 2 600 metros, sem conseguir encontrar qualquer brecha nas nuvens abaixo e com pane no motor. Estaria perdido? Estaria ficando sem combustível? Troutdale não conseguiu mais estabelecer contato. As autoridades aeronáuticas de Oregon e Washington começaram imediatamente a organizar voluntários para uma busca aérea, tão logo a tempestade amainasse.

Loren Little estava tocando pistão, às 11 horas da noite, quando recebeu a notícia. Com o medo a crescer dentro d'êle, partiu imediatamente para Portland em seu Volkswagen. Durante a longa e escura viagem, êle rezou e manteve a esperança. Dizia a si mesmo que, afinal de contas, só haviam informado que o avião estava desaparecido. Provavelmente teriam aterrado, com segurança, em algum aeroportozinho de emergência abandonado. Mas, e se não tivessem? Dirigia o pequeno automóvel a tôda velocidade.

Sôpro de Vida? Laurie ainda estava nos braços de Karla, e chorando, quando Karla recobrou os sentidos. O avião jazia, com o teto para cima, numa encosta escarpada. No assento da frente, Grant Erickson e sua mulher jaziam estatelados, de bruços; nenhum dos dois se mexeu quando Karla os chamou. Havia sangue por tôda a parte; encharcara os assentos, as roupas e Laurie. Ansiosamente, Karla examinou o bebê. Não havia ferimentos, apenas uma contusão na testa com a marca do botão do casaco de sua mãe. Laurie estava bem, decidiu Karla—apenas com fome. Mas, quando apalpou os lugares esfolados e rasgados no lado direito de sua própria cabeça, uma dor latejante surgiu, profunda, de dentro dela, gritando em cada fibra. Quando começou a perder os sentidos, exerceu uma grande fôrça de vontade para manter-se consciente—Laurie não poderia viver sem uma pessoa ali para alimentá-la.

Potes de alimentos para bebês e sucos de frutas tinham sido arrumados em uma pequena valise no compartimento de bagagem imediatamente atrás do assento de Karla. Segurando Laurie com um braço, ela esforçou-se para alcançar a mala com o outro. Descobriu que suas pernas não se mexiam. Estava paralisada da cintura para baixo. Preocupar-se-ia com isto depois; agora era preciso alimentar Laurie. Karla deu graças por poder amamentá-la.

Quando Laurie adormeceu, enrolada e aquecida por cobertores térmicos, Karla começou a chamar outra vez, suavemente, por Grant e Dolly. Êles não responderam. Chegou-se para a frente no assento, inclinou-se e apalpou seus rostos, buscando um sôpro de vida. O esforço foi demasiado e, lenta e dolorosamente, retrocedeu sem saber se tinha ou não percebido alguma respiração. Decidiu que os dois estavam vivos e que em breve acordariam—ela *tinha* de acreditar nisso.

Quase exausta, Karla olhou pela janela. Tudo era neve lá fora—mas era junho, portanto, ela devia estar a uma grande altura, em alguma montanha. Fêz votos para que algum grupo de salvamento chegasse logo, porque Laurie iria precisar daqueles alimentos.

A dor diminuiu um pouco quando ela se manteve imóvel. A noite estava caindo. Ela adormeceu.

Baixo e Lentamente. Loren rumou diretamente para a casa de um amigo em Portland. Outro amigo, um

pilôto, chegou trazendo mapas e os três homens os estudaram atentamente. Grant Erickson, em sua última comunicação, informara estar a 2 600 metros; por isso, parecia provável que alguma coisa acontecera naquela altitude ou próximo a ela. Naquela área, apenas o Monte St. Helens e o Monte Hood projetavam-se a tal altura. Loren concluiu que sua família devia ter-se chocado contra uma das duas montanhas. Durante a noite toda, andou de um lado para outro, encheu-se de esperanças, imaginou coisas, desesperou e rezou.

Às sete da manhã, estava no aeroporto de Troutdale, falando com o coordenador de buscas Pat Mulligan. O mau tempo ainda não desanuviara as altas montanhas, mas a busca já estava cobrindo os dois pontos de onde Erickson dera suas últimas informações.

No ar, voando com um dos pilotos de busca, Loren quase desesperou—era um território tão imenso! Espantosamente lindo, mas selvagem, ameaçador, cheio de segredos. O piloto voou baixo e lentamente sobre o grande salto do desfiladeiro do Rio Colúmbia, separando Oregon de Washington. Para o norte, os pilotos voavam baixo e em zig-zague, numa rota estabelecida sobre áreas hachuradas de densas florestas de 50 quilômetros quadrados. Loren soube que, enquanto procuravam aquele avião, os participantes da busca procuravam também atentamente sinais de outros aviões leves perdidos.

O dia já ia alto quando o mau tempo finalmente se dissipou sobre as montanhas e Loren, em seu terceiro e longo vôo de busca, aproximou-se do Monte Hood, de 3 400 metros de altura. A 15 metros dêle, o piloto virou, manteve a asa direita perpendicular à escarpa e iniciou um vôo longo, lento e em espiral descendente em torno da montanha. Loren estudava cada trecho arborizado, cada ressalto, cada afloramento. Não havia nada.

Pedras Rolantes. Durante aquela primeira noite, Karla arranjou-se. Os movimentos de Laurie nas horas das mamadas acordavam-na. Ela mudava as fraldas do bebê, amamentava-o e depois lutava outra vez contra punhaladas de dor lancinante para alcançar a comida do bebê. Era exasperador poder tocar a valise e não poder levantá-la. Ela estava ficando com muita sede. Karla queria gritar, praguejar contra aquela situação abominável; mas isto desperdiçaria energia e destruiria a disciplina que, no interesse de Laurie, ela tinha de impor-se. Assim, manteve a criança aquecida, amamentando-a até que ela ficasse satisfeita, e depois falou com ela e cantarolou para que dormisse outra vez.

Ela continuava tentando perceber alguma respiração em seu pai e em Dolly. Não conseguiu ter certeza, mas recusava a admitir para si mesma que êles estivessem mortos.

Durante o dia, ocasionalmente, pedras rolavam pela encosta, chocando-se com o avião. A maioria era

do tamanho de um punho; mas algumas, muito maiores, faziam mosas ou até mesmo buracos na fuselagem. Algumas, que rolaram ao lado, do tamanho de uma casa, poderiam ter esmagado o avião e tudo o que estava em seu interior. Karla estava com medo. E com uma sede desesperada! Preocupava-se com a falta de líquido em seu organismo, que em breve a impediria de amamentar Laurie.

De repente avistou uma cidade de mineiros a apenas algumas centenas de metros do avião. Lá deveria haver água! De algum modo, ela teria de arrastar-se para sair dali e chegar àquela cidade. Aí, a razão reafirmou-se: era apenas um monte de pedras. Ela tinha de ficar ali, manter Laurie aquecida e esperar.

Uma vez, viu um avião e desejou gritar de alívio porque o grupo de socorro a encontrara finalmente. Mas o tampo branco do avião caído confundia-se com a neve, e o grupo de salvamento não a viu. Seguiram adiante. Mas voltariam, Karla sabia. Ela esperou. A noite caiu outra vez. De novo ela adormeceu.

De Ôlho nos Cumes. No aeroporto de Troutdale, Loren estava doente de incerteza e aflição controlada. A busca do dia nas áreas mais baixas fôra meticulosa, completa. No dia seguinte, as altas montanhas seriam esquadrihadas outra vez, o dia inteiro. Haviam planejado dar busca aquela noite, mas uma neblina estava descendo e os pilotos estavam muito cansados.

A busca aérea não poderia continuar por tempo indefinido: após um período razoável, em geral de cerca de três dias, as aeronaves desaparecidas tinham de ser consideradas como irrecuperavelmente perdidas e seus ocupantes mortos. Mas Loren sabia que jamais deixaria de procurar Karla e Laurie. Êle andaria por aquelas florestas e montanhas até encontrá-las, não importando o tempo que isto levasse.

O sono chegou facilmente, após cerca de 40 horas sem dormir, mas, às cinco da manhã, Loren dirigiu-se outra vez para o aeroporto de Troutdale. Surgiu a aurora de um dia perfeito. As duas montanhas cercadas de neve eram claramente visíveis. A atenção de Loren parecia irresistivelmente atraída para o norte, para o Monte St. Helens, em Wasghinton.

—Você acha que Karla está lá em cima?—perguntou êle.

Só Deus sabia, mas Loren não podia afastar os olhos daquela montanha mais adiante.

A maioria dos patrulheiros já estava no ar. A Patrulha Aérea Civil de Washington mandara outros aviões leves. O Exército também colaborava, mandando aviões do Forte Lewis, perto de Tacoma, bem como uma meia dúzia de helicópteros. De Portland, a Fôrça Aérea mandou aviões, cada um com dois homens especializados em salvamento aéreo. Ao meio-dia, mais de 40 aviões estavam dando busca.

Em Troutdale, Loren andava de um lado para outro, esperando. Ti-

nha havido telefonemas de pessoas das zonas rurais que tinham ouvido um avião em apuros, ou que tinham visto alguma possível pista. Cada pista foi investigada. Mas já fazia uma hora e meia que ninguém dava notícia.

De repente, o telefone tocou. Pat Mulligan atendeu, quase não disse palavra e desligou. "Os destroços", como êle disse, tinham sido encontrados no Monte St. Helens por um helicóptero do Exército. Havia sobreviventes, mas nenhuma menção de quantos, ou de quem eram. Seriam transportados para o Hospital de Longview, perto de Kelso, em Washington, que era a base de metade da turma de salvamento vinda do norte. Terminara! Loren virou de costas. Pela primeira vez, sentiu lágrimas ardendo-lhe no rosto.

—Vamos para Kelso—disse Mulligan.

Os 20 minutos de vôo pareceram intermináveis. Loren manteve os olhos prêsos à montanha, como se pudesse forçá-la, de algum modo, a entregar as vidas que êle mais desejava que ela entregasse.

"Você Está Vivo!" Foi uma ocasião especial para Eugene Ingram e Evan Hale. Ingram tem um emprêgo público; Hale é auditor do Banco Nacional dos Estados Unidos em Oregon; ambos são pára-quedistas de salvamento da Reserva da Fôrça Aérea. Tão logo veio a notícia do helicóptero de que o avião desaparecido fôra encontrado e que havia sobreviventes, Ingram e Hale apre-

sentaram-se como voluntários para saltar. Em seus muitos anos de serviço, saltaram de pára-quedas sôbre locais de desastres mais vêzes do que podem lembrar-se. Mas era raro, no selvagem e acidentado Noroeste, encontrar qualquer sobrevivente.

Caíram sôbre o cume da ravina; aí, o helicóptero de busca pegou-os e levou-os até cêrca de 75 metros dos destroços. Barafustaram através da neve alta em direção a êles. Mal podiam acreditar no que encontraram—uma mulher sorrindo dèbilmente, *segurando um bebê nos braços!*

Ingram pegou o bebê, enrolou-o em sua jaqueta de vôo e levou-o para o helicóptero que esperava. Abaixou-se sob os rotores trovejantes e subiu ao lado do pilôto. Em poucos segundos, o helicóptero estava no ar, descendo ràpidamente por sôbre as árvores ao longo do flanco da montanha.

Enquanto isso, Evan Hale, auxiliado por um membro da tripulação do helicóptero, colocava delicadamente Karla em uma maca. Já agora em estado de choque e quase inconsciente, Karla mergulhou num sono profundo ao ser colocada a bordo do segundo helicóptero.

Quando acordou, Loren estava com ela.

—Você está vivo!—exclamou ela.

Naquela última manhã solitária no avião, confundira seu pai morto com Loren.

Bebê Imaculado. Além dos profundos cortes na cabeça e contusões, Karla Little sofrera uma concussão,

colapso de um pulmão, tinha uma vértebra esmagada, uma hérnia de disco e deslocamento da pélvis. As duas pernas tinham congelado e a gangrena enegrecera seus pés até aos tornozelos. (Êles foram salvos.) O relatório do magistrado encarregado do inquérito revelou que os ferimentos dos dois que haviam morrido eram quase idênticos aos de Karla. Karla acredita que também teria morrido, se a vida da pequenina Laurie não dependesse dela. Laurie saiu da montanha em perfeito estado —nem Karla sabe como conseguiu mudar tôdas as fraldas—e teve apenas uma pequena perda de pêso.

Durante os sete meses e meio seguintes, Karla permaneceu no Hospital da Universidade de Washington. Hoje ela continua a ir lá para tratamento. Submeteu-se a uma ope-

ração séria e poderá precisar de outras mais. Entrementes, ela se prepara com intensa terapia para criar Laurie. Ela insistiu nisso, desde o início de seu internamento, e agora levanta pesos de mais de 35 quilos várias vêzes por dia.

Pela sua operação de salvamento, no alto da encosta agreste do Monte St. Helens, os pára-quedaistas de salvamento Ingram e Hale receberam, ambos, a Airman's Medal, as únicas conferidas a reservistas da Fôrça Aérea em 1966.

Loren, que acaba de completar o curso de Medicina, talvez não fique livre de suas dívidas por muitos anos ainda, mas tem o olhar sereno de um rapaz confiante. Quando se pergunta se sua espôsa tornará a andar, êle sorri e diz:

—Nunca aposte contra Karla!



O ESPÍRITO detesta uma idéia estranha tanto quanto o corpo detesta uma proteína estranha, e resiste a ela com energia semelhante. Se fizermos um exame de consciência, veremos muitas vêzes que começamos a combater uma idéia antes mesmo que ela tenha sido exposta integralmente.

—Arthur Koestler, *The Act of Creation* (Macmillan, ed.)



Segredos do Ofício

“SEI QUE se pode fazer isso”, afirmou certa vez um velho carpinteiro naval, a respeito de um serviço especialmente difícil. Quando lhe perguntaram como sabia, êle respondeu: “Não me façam tantas perguntas —não compreendo tudo o que sei.”

—Robert E. Luccock, em *Christian Herald*

WALDEMAR BÓRBO
Diretor de Empresas

MARIO MENDES COIMBRA
Comerciante

ALDO DAVID DA COSTA
Industrial

ARNALDO ROMANO
Inspetor do INPS

ALEXANDRE CAMÕES
Industrial

DR. JORGE HAJNAL
Advogado

Não é atoa que dizemos que o Aero-Willys é o carro dos homens bem sucedidos.

Quando dizemos que o Aero-Willys é o carro dos homens bem sucedidos, estamos apenas repetindo uma verdade corriqueira.

Se não, responda: qual o carro dos seus amigos que estão progredindo na vida?

Qual é o carro que, quase sempre, ostenta as chapas douradas dos Tribunais de Justiça, dos Ministérios, das Assembléias Legislativas, das Secretarias de Estado, Prefeituras, etc.?


Qual é o carro grande, fabricado no Brasil, que você mais vê nas ruas?

Não precisa responder o óbvio.

A razão dessa preferência é simples. O Aero-Willys além de bonito, luxuoso e sóbrio, é resistente. Muito resistente. Inspira total confiança. Você sempre pode contar com êle. Pessoas que alcançam sucesso na vida são dinâmicas e ativas e não podem perder tempo em oficinas.

A propósito: qual é mesmo o carro que você vai comprar?



Aero Willys 67 

Produto da Willys-Overland - Fabricante de veículos de alta qualidade.